

RESENHA

A BEBIDA ALCOÓLICA À LUZ DA BÍBLIA

LAS BEBIDAS ALCOHÓLICAS A LA LUZ DE LA BIBLIA

ALCOHOLIC BEVERAGES IN THE LIGHT OF THE BIBLE

BERTI, Marcelo. **O cristão pode beber?** O que a Bíblia tem a dizer sobre bebidas alcoólicas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024. (Coleção Teologia para todos).

O AUTOR DO LIVRO

Marcelo Berti é pastor batista, tendo se formado pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida e sendo Mestre em Teologia (ThM) pelo Dallas Theological Seminary. Atualmente, é professor de grego e hebraico no Seminário Bíblico Palavra da Vida, além de lecionar no Seminário Teológico Cristão Evangélico do Brasil, no Seminário Teológico Ministerial Foco, e no Seminário Teológico Jonathan Edwards, além de ser pastor na Igreja Batista da Fonte, em São Paulo.

O livro *O cristão pode beber?*, tal como os demais livros da Coleção Teologia para *Todos*, intenciona responder de forma simples, mas profunda, a uma pergunta teológica importante e polêmica. Essa coleção, organizada pelo meu amigo Rodrigo Bibó, tem se destacado como um diferencial no mercado editorial brasileiro, com obras que, mesmo sendo curtas e de linguagem simples, trazem respostas bíblicas e fundamentadas para as questões levantadas. Por isso, destaco que recomendo todos os livros da mesma lançados até agora, os quais já tenho e desejo terminar de ler em breve, mas que tenho confiança por conhecer a qualidade dos autores. No caso deste livro em particular, tinha uma boa expectativa, mas a obra me surpreendeu por ser ainda melhor do que eu imaginava.

¹ Doutor, Mestre, Bacharel e Licenciado em História (UFPR). Bacharel em Teologia (FABAPAR). Professor de Teologia na FABAPAR e de História nos seminários da CBB. Apresenta o quadro “História da Igreja” na Rede 3.16, da Junta de Missões Nacionais, da CBB. Editor-chefe da Pneuma: revista teológica. Brasil. E-mail para contato: professor.willibaldo@fabapar.com.br

INTRODUÇÃO

Marcelo Berti sabe bem que o cristão e a bebida alcoólica é um tema polêmico, especialmente no Brasil. Porém, decidiu escrever sobre o assunto por entender que “existe muita desinformação” (p. 9), fazendo da sua obra um livro necessário por conta da ausência de trabalhos que tratem diretamente sobre este assunto. Também, visto que a maioria dos pastores costuma preferir dar uma resposta rápida, sem explicar o que a Bíblia realmente apresenta sobre as bebidas alcoólicas, esse livro serve como guia para aqueles que não se contentaram com um simples “sim” ou “não” para a pergunta do título do livro: O cristão pode beber?

AS PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

Berti defende que há dois grandes equívocos na relação dos cristãos com a bebida, que são o legalismo e a libertinagem (p. 10), para os quais os crentes imaturos tendem a ser conduzidos pela “falta de reflexão sobre o que a Escritura realmente afirma” (p. 10). Nestas duas posturas, prega-se, de um lado, o proibicionismo, entendendo que todo consumo de álcool deve ser proibido, por ser pecaminoso, e até mesmo afirmando – sem fundamentação – que o vinho elogiado na Bíblia, ou que Jesus bebeu, era um vinho sem álcool, ou seja, um suco de uva. Por outro lado, defende-se a liberdade como a realização dos próprios desejos, e nem mesmo se considera que beber pode ser pecado.

Há, porém, outros dois caminhos possíveis, os quais têm fundamentação bíblica, que são a moderação, defendendo que o consumo de álcool nem sempre é pecado, desde que seja comedido, e a abstinência, que envolve as pessoas decidirem para si mesmas que não consumirão álcool, sem

impor isso aos outros. Afinal, “os abstêmios, embora reconheçam que o vinho pode ser uma bênção de Deus, preferem não consumi-lo” (p. 11).

No primeiro capítulo do livro, Berti demonstra, pelo estudo histórico-gramatical, que o vinho tanto do Antigo quanto do Novo Testamento era, de fato, fermentado. Para isso, apresenta os vários termos hebraicos e gregos utilizados na Bíblia. No segundo capítulo, demonstra como o vinho, com fermento, aparece na Bíblia como bênção, sendo um elemento importante da relação entre Deus e seu povo. No terceiro capítulo, Berti fala sobre Jesus beber vinho, trabalhando desde o lugar do vinho na cultura judaica até o significado do vinho nas ações e no ensino de Jesus, dando destaque ao milagre no casamento em Caná da Galileia e à Ceia do Senhor.

A argumentação de Berti é bem embasada não apenas nas línguas originais, que ele conhece e leciona, mas também no contexto histórico e cultural, utilizando referências interessantes, como o Talmude Babilônico. Por exemplo: ao apresentar que há quem defenda que a expressão “fruto da vide” faz referência ao suco de uva, e não ao vinho, Berti lembra da importância deste na cultura judaica, e cita a Mishná, na qual é explicado que a bênção sobre a colheita sempre é igual, mas muda no caso do vinho: “Que bênção alguém recita sobre a colheita? Sobre o fruto de uma árvore, ele diz: ‘Bendito sejas tu, ó Senhor, nosso Deus, rei do Universo criado do fruto da árvore’, exceto para o vinho. Sobre o vinho, ele diz: ‘Criador do fruto da vide’ (m. Berakot 6.1). Ou seja, para os judeus do primeiro século, o vinho é o fruto da vide, a bebida que fazia parte da celebração da Páscoa (b. Pesachim 102-103). Daí, ele conclui: “Em outras palavras, a expressão utilizada pelos evangelistas torna claro o fato de que nosso Senhor celebrou sua ceia com vinho, e fez dele um símbolo do seu sacrifício e a marca da nova aliança” (p. 53).

Acredito que aqui ficou faltando uma explicação para clarificar outro ponto que costuma ser levantado, e que não foi percorrido por Berti como poderia: há quem defenda que, visto que o “fermento” é proibido na Páscoa, o fruto da vide não seria fermentado, ou seja, seria suco e não

vinho. Porém, o que é proibido na Pessach é o chametz, ou seja, os cereais fermentados. Os judeus até hoje celebram a Páscoa com um jantar (sêder Pessach), no qual há uma liturgia organizada por taças de vinho sendo bebidas. Algo que, aparentemente, pelos relatos talmúdicos, já era uma prática corrente e bem estabelecida no tempo de Jesus. Isso Berti apresenta muito bem, explicando a ordem litúrgica, de modo que a ausência mencionada em nada invalida a qualidade excepcional da obra.

Outra coisa que senti falta no livro foi uma visão prática das consequências da ingestão de bebidas alcoólicas. Berti fala sobre sobriedade e moderação, mas acaba não entrando em aspectos práticos como o vício, a dependência, o aumento da violência etc. Entendo que ele não precisa dar ênfase a isso, visto que o foco do livro é o que a Bíblia diz, mas considerando que seu público é brasileiro, não podemos esquecer que vivemos em um país no qual 12 pessoas morrem, por hora, em virtude do álcool, segundo estudo feito pela Fiocruz .

Ao mesmo tempo, Berti contribui ao dizer que “existem muitas histórias tristes sobre os problemas do alcoolismo e da embriaguez em nossos dias” (p. 77), mas faz um paralelo com o sexo, afirmando que, “mesmo que estatísticas e estudos apontem para os elevados índices de divórcio, adultério e doenças sexuais, nenhuma dessas informações faz com que o sexo deixe de ser uma dádiva divina” (p. 78). Ou seja, não é porque as pessoas fazem coisas ruins por conta da bebida que a bebida deve ser proibida. Os problemas não são por conta do sexo, mas do mau uso dele, bem como não são da bebida em si, mas do mau uso dela. Assim, a abstinência seria como o celibato – uma opção para o cristão, mas não algo que deva ser imposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o seu livro, Marcelo Berti demonstra como é equivocado afirmarmos categoricamente que “beber é pecado”. Porém, ao mesmo tempo, cabe considerarmos que não devemos afirmar, em contrapartida, que “beber não é pecado”. Com certeza essa não é a intenção de Marcelo Berti, mas, infelizmente, muitos acabam indo de um extremo ao outro, sendo necessário refletirmos sobre isso.

Por isso, àqueles que me perguntam se beber é pecado, eu sempre dou a mesma resposta: “Depende!” Muitos podem questionar, afirmando: “Como assim, depende?” Mas basta respondermos com outra pergunta: “Fazer sexo é pecado?” A resposta é a mesma: “Depende”. Mas, depende do quê? Depende de muitas coisas: como, quanto, quando, com quem, por que... Assim, da mesma forma que fazer sexo antes do casamento (quando) é pecado, também é pecado fazer sexo com a mulher do próximo (com quem), fazer sexo impondo a própria vontade sobre o outro (como), por dinheiro (por que), etc., mesmo que não possamos afirmar categoricamente que “fazer sexo é pecado”, pois não é. Da mesma forma, beber não é necessariamente pecado, mas pode ser, dependendo de como, quanto, quando, com quem e por que alguém vem a beber.

Por essa razão, mesmo Berti defendendo a moderação como “a visão que mais se encaixa no ensino bíblico” (p. 77), não desconsidera a opção da abstinência para aqueles que entenderem que devem viver desse modo, e trabalha bastante essa perspectiva no começo do capítulo quatro (p. 55-64), apresentando a abstinência como “voluntária, temporal, específica e vocacional, com o propósito de promover dedicação ao Senhor”, de modo que alguém pode viver dessa forma, “desde que não imponha tal decisão pessoal aos outros” (p. 63).

Esse é, por exemplo, o meu caso: há muitos anos, já decidi me abster de bebidas alcoólicas, pois compreendo que essa abstinência é importante

para dar o exemplo, como pastor (já era chamado ao pastorado quando decidi), e por questão de saúde, visto que faço tratamento de saúde com remédios que não devem ser misturados com álcool. Assim, no meu caso, se eu decidisse beber, teria de ficar sem tomar os meus remédios, descuidando de minha saúde, bem como poderia escandalizar alguém que, sabendo que eu sou pastor, me tem como referência.

Concluindo, apesar de não achar justo impor a abstinência, a deixo como recomendação. Afinal, já vi muitas pessoas “perderem a mão”, por acharem que, “já que beber não é pecado, está tudo liberado”. Da mesma forma, também cabe observar que muitos se iludem, acreditando que têm autocontrole, quando na verdade vivem em uma dependência ou exagero, não conseguindo nem mesmo cogitar a decisão pela abstinência. Beber, porém, é apenas uma de muitas coisas das quais decidi me abster, entendendo que, apesar de Deus não me impor esses sacrifícios, são práticas e costumes que mais me atrapalham do que me ajudam na vida cristã. Sei de pessoas que, por conta do meu exemplo, decidiram deixar de beber, entendendo que estavam prejudicando suas famílias, e penso que, só por essa razão, já valeu a pena a minha decisão de deixar de lado este pequeno prazer.